

Os maiores *Divida Externa* devedores 25 SET 1987 formam grupo

por Celso Pinto
de Nova York

Brasil, Argentina e México formalizaram ontem em Nova York a constituição de um grupo permanente de consultas econômicas, especialmente em relação à dívida externa e ao comércio. Será o chamado G-3, num paralelismo com o G-5, o grupo dos cinco mais ricos países do mundo. O G-3 representa uma dívida externa de quase US\$ 270 bilhões.

O grupo foi oficialmente formado depois de cinco horas de conversas entre os ministros da Fazenda do Brasil, da Argentina e do México. No final, foi emitido um comunicado à imprensa. "Foi uma decisão histórica da maior importância", comemorou o ministro brasileiro Luiz Carlos Bresser Pereira. O grupo terá reuniões no mínimo semestrais.

Os três países puseram-se de acordo em relação a vários pontos, muitos dos quais apenas reafirmam princípios estabelecidos, antes, pelo "Grupo de Cartagena", que reúne todos os devedores latino-americanos. O comunicado menciona a necessidade de reduzir a transferência líquida de recursos para o

exterior e reclama maior co-responsabilidade dos credores no processo.

Para garantir a estabilidade dos investimentos, os três países querem mecanismos mais automáticos de financiamento dos juros e de liberação desses recursos. Pedem "formas alternativas mais adequadas" em termos de prazos e de juros para uma solução de longo prazo para a dívida.

Um segundo ponto do comunicado pede transferências reais positivas de recursos dos organismos multilaterais, além de políticas mais flexíveis e orientadas para o desenvolvimento. O comunicado menciona a necessidade de um imediato aumento de capital do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Finalmente, critica-se o protecionismo.

A formação do G-3 tem o óbvio propósito de procurar ajudar nas negociações da dívida externa. O Brasil reúne-se hoje, em Washington, com o comitê de bancos credores para apresentar sua proposta.

A Argentina deverá rediscutir seus esquemas de financiamento externo durante a reunião do FMI e do

(Continua na página 15)

Os maiores devedores...

por Celso Pinto
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

Banco Mundial, na próxima semana.

O México, que dos três é o que está na mais confortável posição externa, com cerca de US\$ 15 bilhões em reservas, foi o mais cauteloso. Perguntado se considerava a formação do G-3 como um passo muito importante no processo ou apenas mais um encontro de devedores, o ministro mexicano, Gustavo Petricioli, não vacilou: "é um encontro a mais", definiu à imprensa.

De todo modo, como disse Petricioli, embora cada país mantenha suas próprias negociações e características, existem alguns pontos comuns de comunicação. "O problema atual dos nossos países é o desenvolvimento econômico e a preservação da democracia e o problema da dívida perturba esses objetivos", disse a esse jornal.

O ministro argentino, Juan Sourrouille, nada quis declarar. Apenas reafirmou que está entre os objetivos da Argentina a fixação de um teto para o pagamento de juros, de forma a assegurar um fluxo estável de transferências externas de recursos.

Bresser chamou a atenção para o fato de o grupo reunir apenas os três maiores países da América Latina, o que reforça a sua importância prática. Seja como for, não há qualquer desejo de nenhum dos três países em funcionar como uma espécie de cartel. Aliás, os bancos foram discretamente avisados dos objetivos não belicosos do encontro antes que ele se realizasse, pelo que disse uma fonte, que, nos últimos dias, manteve contatos do mais alto nível com cinco entre os maiores bancos norte-americanos.

A maratona de reuniões começou em grande estilo, com um almoço apenas entre os três ministros num dos mais luxuosos e caros restaurantes de Nova York, o Le Cirque, reduzido de celebridades anexo ao elegante Mayfair Regent Hotel. Duas horas mais tarde, e aí já acompanhados de assessores, os três continuaram as conversas na sede do Banco do Brasil, na Quinta Avenida.

Hoje, às 13 horas, em Washington (14 horas em Brasília), o presidente do

Banco Central, Fernando Milliet, e dois assessores, Fernão Bracher e Antônio de Pádua Seixas, abrem negociações com o comitê dos bancos credores. Milliet fará uma exposição sobre a economia brasileira, depois explicará o que quer o Brasil.

A idéia geral é conhecida: refinar US\$ 7,2 bilhões de juros devidos neste e no próximo ano por um prazo longo, eliminar taxa de risco ("spread") e abrir a possibilidade de transformar parte da dívida em títulos. Serão títulos certamente mais atraentes do que os "exit bonds" argentinos, garantiu alta fonte brasileira, o que significa que oferecerão mais do que os 4% de juros dos papéis da Argentina.

Além disso, existe a idéia de oferecer, como atrativo adicional, a possibilidade de os portadores desses títulos converterem-nos em investimentos. O Brasil,

contudo, não deverá apresentar agora as regras gerais para a conversão de dívidas em investimentos, como gostariam os banqueiros, nem há um prazo fixado para isso, pelo que disseram dois diretores do Banco Central, Seixas e Carlos Eduardo de Freitas.

A mesma alta fonte brasileira afastou a hipótese de firmar-se um acordo provisório, de curto prazo, com os bancos. "Nem pensar nisso", afirmou. "Se for assim, é melhor continuar com a moratória, que está muito bom", sugeriu.

E fato, contudo, que há pressões para que alguma moldura de negociação seja aberta agora, o que poderia implicar algum refinanciamento de juros por parte dos bancos e, simultaneamente, a volta de algum pagamento de juros por parte do Brasil. O processo de negociação mais amplo prosseguiria até o início do próximo ano,

quando os credores se sentiriam mais à vontade para concluir um acordo, terminada a Constituinte e definido melhor o cenário político. Até lá também ficaria mais fácil voltar a discutir a perspectiva de um acordo formal do Brasil com o FMI.

Há resistências a essa idéia por parte do Brasil e de alguns bancos, mas entre os interessados na sua decolagem está o Departamento do Tesouro norte-americano. A posição da equipe brasileira, ontem reafirmada, tem sido a de dizer que a pressa e os maiores temores estão do lado dos bancos. Muitos tentarão convencê-los do contrário.

Bresser Pereira faz uma palestra hoje pela manhã no Conselho de Relações Exteriores e, ao final, tem um encontro com o ex-secretário de Estado Henry Kissinger. Vai para Washington à tarde.